

A obra de arte na era da sua reprodutibilidade virtual

*Por
Lucyane De Moraes*

Resumo

Com o objetivo de compreender os processos de produção e recepção da arte na atualidade, sob o enfoque imperativo da técnica, busca-se abordar as contribuições dos pensadores da Teoria Crítica, em especial de Walter Benjamin e Theodor Adorno. Tal intento se caracteriza pelo empenho em associar arte e procedimentos industriais a ações políticas e econômicas. E aqui, as tendências hegemônicas e os usos (desiguais) de aparelhos e dispositivos dos assim chamados novos *media* servem de base para demonstrar a dimensão atribuída ao aparato tecnológico, dimensão essa que pode ser delineada pela análise das mudanças que se fundam na relação entre arte e sociedade. Longe de ser conclusiva, a breve discussão sobre o tema é orientada por uma ideia de técnica em sentido historicamente configurado, ou seja, em contínuo movimento, ampliando sua acepção para esferas mais próprias ao discurso filosófico.

Considerações iniciais

Em uma dimensão mais ampla, pode-se dizer que a reflexão filosófica tem dado pouca ênfase a questão da técnica, em um mundo contemporâneo imerso e inteiramente definido por essa esfera no âmbito fim. Significa dizer que o esforço filosófico parece ter eliminado a técnica enquanto um objeto de pensamento. Chama a atenção, no entanto, o fato de que a ocorrência da discussão sobre a técnica em termos éticos remonta pelo menos à filosofia antiga, registrada nos diálogos de Platão e em escritos de Aristóteles, para citar apenas duas de suas maiores expressões. Tal paradoxo pode ser talvez dimensionado no âmbito de um processo hegemônico que irá culminar na transformação do próprio significado daquilo que em termos comuns se entende hoje por tecnologia, para além da aplicação de dados científicos circunscrita no campo das sociedades produtivas. Em outras palavras, pode-se dizer que um conceito de tecnologia, forjado na repetição intencional de padrões, aponta para o estabelecimento de universos consensuais constituídos pela reificação de valores voltados para uma percepção estática das realidades. Resulta daí a necessidade de pensar tal esfera em termos críticos, para além da vivência do conjunto de artefatos do mundo da técnica,

com vistas a uma aplicação ética de recursos fundamentais para o desenvolvimento das relações humanas. É a partir da reflexão sobre os modos e relações de produção no mundo contemporâneo que se pode dar concretude a uma utopia do desenvolvimento técnico como forma de potencialização do humano.

Informações preliminares para uma história social da técnica

Tarefa complexa *per se*, reputa importante um esboço da história da técnica rastreando a própria história da humanidade, sem perder de vista aspectos da mais pura subjetividade como as mitologias, para além do sentido específico que envolve tais processos em termos do reestabelecimento da ligação entre o mundano e o divino. Como exemplo mais próximo, pode-se lembrar da analogia bíblica do *Gênesis*, quando Deus, ao criar o homem à sua imagem e semelhança, proclama que ele tenha o domínio sobre toda a terra. Que domine as aves dos céus, os peixes do mar, os animais domésticos e todos os répteis que rastejam pela terra, ordenando, ainda, que ele seja fecundo, que se multiplique, povoe a terra e a sujeite, condição essa que possibilita aludir ao sentido de domínio técnico envolvido na história da assim chamada criação do mundo. Ilusão de autonomia humana, a ambição do domínio técnico como um domínio da natureza irá encontrar, no entanto, o seu próprio limite enquanto forma de conhecimento, mais uma vez determinado pela palavra do Deus hebreu no mesmo livro do *Gênesis*, ao sentenciar que de toda árvore do jardim do Éden o homem coma livremente, com exceção à árvore do conhecimento do bem e do mal (conhecimento adquirido ao alcançar amadurecimento por sua própria experiência), porque quando dela comer, certamente perecerá, o que possibilita, hoje, remeter à reflexão sobre a possibilidade de uma crítica filosófica, social e política do uso hegemônico de recursos tecnológicos não atribuídos, por assim dizer, a um estatuto de progresso humano.

Ainda, sob a ótica da proibição ao conhecimento e da ambição de autonomia humana no âmbito das mitologias, pode-se evocar a fábula de Prometeu, submetido ao castigo eterno no pico de um rochedo deserto - preso a correntes e cravos de bronze - por haver presenteado aos mortais o conhecimento do fogo, símbolo da razão. Misto de aspiração técnica e anseio de poder, o mito de Prometeu é de fato um exemplo emblemático da busca do conhecimento autônomo nunca facultado aos “efêmeros” e objeto de reprovação pelas instâncias de poder. Assim como a aquisição do conhecimento implica uma condição técnica mediante a dádiva do fogo, *Pro-methéos* – aquele que tem a mente previdente – confere à humanidade o cultivo das artes (*téchnē*),

o conhecimento de como fazer coisas, ou em acepção mais ampla, uma espécie de atividade humana submetida a regras, pagando ele próprio o preço de sua imprevidência. Se na fábula do tragediógrafo Ésquilo o conhecimento só pôde ser facultado mediante o preço do castigo e do sofrimento, pode-se dizer também que, como alegoria moderna, a aquisição do fogo-inteligência (esfera de domínio técnico), encerra uma promessa de racionalidade nunca cumprida (*la promesse de bonheur*), da mesma forma que, unida à razão, a promessa tecnológica reafirma como novidade o potencial nunca atingido de autonomia humana. Isso remete à própria condição heterônoma do espírito crítico no mundo contemporâneo, aliás, representada na mesma fábula de Ésquilo pela vontade de Júpiter, contrariada por Prometeu, de manter a espécie humana na condição instintiva de quase-animal-irracional, tendo em vista a impossibilidade de seu aniquilamento.

Sob tal alegoria de condição acrítica, pode-se discutir a relação moderna entre sociedade e técnica, essa última concebida como criação de soluções novas que emanam da lógica formal em uma dinâmica contrária à própria resolução de problemas antigos, podendo-se dizer que em tal relação as necessidades sociais tendem a se tornar apêndices das relações de consumo, nivelando ambas as esferas a interesses hegemônicos. Somada à discussão a ausência da contradição, pode-se pensar, também, o quanto uma crítica à tecnologia se afigura, hoje, como assunto de sentido absoluto e de difícil recepção social. Da mesma maneira e na mesma intensidade, pode-se dizer, ainda, que a reflexão apologética da esfera tecnológica se deve, mediante ao caráter positivo imposto a ela, à identificação com uma ordem hierárquica de atualização e de progresso econômico que tem como critério a adequação da consciência a tarefas ligadas às esferas dominantes, resumindo uma espécie de universalização dos mecanismos de adaptação.

Da relação entre arte e técnica

Sob um enfoque histórico, vale relembrar como a ideia de técnica se liga à própria origem humana, partindo da perspectiva de um *modus operandi* na natureza em direção a um saber-fazer em relação à natureza, desde os indícios relacionais entre indivíduo e natureza até os rudimentares processos de produção empreendidos no âmbito das primeiras formas de sociedade, conforme assinalado por Marx. Crítica às alianças entre técnica e economia; emancipação da burguesia; formação dos Estados nacionais; processos de industrialização, a análise empreendida pelo filósofo e

economista - em seu *O Capital* - procura, como se sabe, entender tais relações desde as suas origens, buscando nas primeiras formas de organização humana os alicerces teóricos para a fundamentação de sua crítica à sociedade do capital. Na citada obra, chama à atenção a análise da esfera técnica no âmbito dos agrupamentos humanos mais primitivos, bem como do desenvolvimento de seus processos de utilização enfocando a relação entre ferramenta e máquina, referindo-se a primeira como máquina simples e a segunda como ferramenta composta. De acordo com o autor alemão, a diferença entre ferramenta e máquina se divisa tendo em vista que na ferramenta o homem seria a força motriz, enquanto na máquina ela seria uma força natural diferente da humana, como a força animal, hidráulica, eólica, etc., significando dizer que um tear operado pelas mãos do homem é uma ferramenta, enquanto que, por exemplo, um arado puxado por animais é uma máquina. Em outras palavras, compreende-se que a partir do momento em que um utensílio utilizado pelo homem é substituído por um mecanismo, surge, então, em lugar de uma simples ferramenta, uma máquina. No entanto, vale lembrar que não existe nesse contexto uma relação de causa e efeito que determina necessariamente a precedência da ferramenta em relação à máquina, pois, como lembra Marx, a utilização da força animal é uma das mais antigas invenções da humanidade, sugerindo tal fato que a produção com máquinas precederia, então, a produção manual. De qualquer forma, interessante notar que, não coincidentemente, o entendimento mais concreto e facilmente perceptível de tecnologia é aquele que em termos de senso comum a define como ferramenta ou máquina, extensível aí aos atualizados dispositivos e aparelhos eletrônicos, cibernéticos ou não, indiferentemente.

Relativizando a questão, ainda assim deve-se ter em mente que as necessidades técnicas são, ao mesmo tempo, formas inequívocas de manifestação de necessidades humanas, reflexão essa que reitera a igual necessidade de redimensionamento do uso social da técnica em sociedades inteiramente dominadas por uma ideia abstrata de tecnologia como expansão do progresso econômico. Concebida nos mesmos moldes obsoletos de consumo da produção industrial, tal acepção tecnológica, resumida por uma espécie de ideal de ‘tecnificação do pensamento’, parece representar uma ideia de progresso muitas vezes contrária àquilo que lhe é imanente, mais afeita a um sentido de adaptação que contraria aquilo que supostamente se tem como necessidade. É dessa forma que, em consonância com o legado de Adorno e Benjamin, pode-se analisar a relação entre subjetividade do indivíduo e procedimentos tecnológicos, considerando que no referido contexto hegemônico as necessidades humanas tendem a se tornar

função do aparelho de produção e não o contrário.

Se por um lado Benjamin aponta para vivência do choque (*Chockerlebnis*) assinalada pelas transformações do mundo moderno - por meio do reconhecimento da catástrofe, da imersão no abismo das massas e de seu próprio declínio -, determinando que o indivíduo passe a existir por meio de uma *rêverie* fantasmagórica contraposta ao despertar da consciência coletiva, por sua vez, Adorno chama a atenção para a impossibilidade de se eliminar do conceito estético os procedimentos industriais da Modernidade mercadológica, ou seja, do novo e sempre-igual (*Immergleich*) - daquilo que é imposto mais uma vez - que domina a produção material da sociedade.

Tais questões permitem igualmente compreender os aspectos que promovem o entendimento dos processos de deterioração da arte na atualidade e que acenam para a perda da dimensão ética que cada obra suscita em potencial, em prol de sua estetização e massificação. Percebe-se, pois, que os procedimentos hegemônicos virtuais da arte hoje e o *modus operandi* da sociedade tecnocrática subordinam a criação e imaginação humanas ao seu modelo funcional de gestão, por meio de operações notadamente burocráticas. Dito isto, se faz necessário a busca de possibilidades alternativas resultantes de modelos de produção artística, advindos das atualizadas sociedades urbanas complexas, entendendo que o demasiado valor dado ao conceito em detrimento da matéria não resolve as questões atinentes ao potencial social da arte. Ainda, se faz imperativo dimensionar a crítica à tecnologia enquanto crítica de seu uso absolutamente econômico e não social determinado pelos conglomerados que detém os meios de produção e distribuição de aparatos tecnológicos de última geração, podendo-se identificar tal mecanismo com um complexo sistema de controle social engendrado por grandes agências de interesse econômico e incrementado pela totalidade dos *media*, resumindo, por fim, as novas possibilidades tecnológicas como recursos factualmente de ordem econômica, política e ideológica.

Em sendo assim, esse trabalho incide na investigação de pistas dadas pela teoria estética de ambos os pensadores alemães sobre o fazer artístico na contemporaneidade e de que modo este fazer ainda se pauta por pressupostos imanentes, considerando a abordagem da arte contemporânea enquanto fenômeno híbrido, devido, entre outros, às suas interfaces tecnológicas. Ainda, sem ignorar a importância dos meios técnicos para a vida cotidiana, no que respeita ao fazer artístico, é necessário salientar a maneira peculiar como Benjamin e Adorno abrem espaço para uma reflexão prospectiva acerca da possibilidade de se incorporar os avanços técnicos ao processo de produção de uma

arte de caráter inovador, uma vez que, para os ambos os pensadores, a ideia de Modernidade, ainda que intimamente entrelaçada com o mercado, se apresenta historicamente como algo qualitativo.

Em última instância, entende-se que na mesma medida em que demandas voltadas para a atualização e modernização da sociedade se tornam urgentes, por meio de aspirações de consumo de grande parte das populações, o mercado cria a emergência de uma indústria tecnológica cada vez mais dinâmica, possibilitando, por exemplo, que objetos anteriormente feitos para poucos passem a ser consumidos por muitos, transformando-os em objetos de fetiche social e de atualização cultural. Por isto mesmo, a garantia de ingresso equitativo no mundo dos recursos tecnológicos de última geração, da mesma forma que representa uma demanda legítima das sociedades complexas atuais, necessita ser dimensionada em um sentido mais amplo e, portanto, eminentemente crítico, na medida em que transformam as relações entre indivíduo e sociedade. *Pari passu*, tal possibilidade de participação equitativa deve, conseqüentemente, demandar também o imperativo redimensionamento ético e estético dos vigentes modelos hegemônicos de comunicação, indo muito além das concepções e práticas exercidas pela totalidade dos veículos de difusão de massa.

Necessário, portanto, refletir sobre como seria possível no mundo atual organizar a sociedade em outros termos, resistindo à valorização de uma forma de tecnicismo apoiada em uma razão lógica. Vale lembrar que também é sob tal enfoque que Marcuse pergunta sobre a possibilidade de os países menos industrializados do chamado 'terceiro mundo' apresentarem um substituto para o modelo repressivo de racionalidade tecnológica característico dos países desenvolvidos, "que edifique o aparelho técnico *à la mesure de l'homme*". É neste sentido, por exemplo, que ainda importa averiguar de que maneira as valiosas contribuições da Teoria Crítica, bem como o conceito de indústria cultural, podem ser alargadas de forma a contribuir para uma reflexão crítica acerca dos possíveis impactos causados aos ambientes social e cultural pelos processos virtuais determinados pelas atualizadas tecnologias digitais.

Considerações finais

Como uma tentativa de não sucumbir à ideia positivista de tecnologia, é necessário continuar a refletir sobre arte, técnica e cultura sem perder de vista o sentido crítico que a dimensão estética encerra, tendo em vista que uma das principais tendências da arte sempre foi a busca de sua revitalização através de diferentes campos

de experimentação. Sob essa ótica, é necessário redimensionar os limites considerados como elementos inibitórios da reflexão artística, na certeza de a técnica ser uma das mais efetivas possibilidades de se pensar diferentes formas de mediação entre ciência e estética, valorizando, conseqüentemente, a percepção de experiências ainda vivas como a imaginação e a reflexão estética.

Referência Bibliográfica

- ADORNO, T. *Cartas a los padres: 1939-1951*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- _____. *Crítica de la cultura y sociedad I*. Madri: AKAL, 2008.
- _____. *Crítica de la cultura y sociedad II*. Madri: AKAL, 2009.
- _____. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- _____. /BENJAMIN, W. *Correspondência 1928-1940*. São Paulo: UNESP, 2012.
- _____. /HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- _____. *Baudelaire e a Modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- _____. *Pequena história da fotografia*. In: Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas, volume I. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.
- _____. *Sobre o conceito de história*. In: Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas, volume I. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- FROMM, E. *Do ter ao ser*. São Paulo: Manole, 1992.
- HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2002.
- MARCUSE, H. *A dimensão estética*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- _____. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- _____. *A ideologia da sociedade industrial - o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- _____. *O capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MARX, K. / ENGELS, F. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

Lucyane De Moraes é doutoranda em filosofia pela UFMG e bolsista CAPES.